NARCISISMO E RECONHECIMENTO

Os Rumos da Psicanálise na Teoria Crítica

Inara Luisa Marin

EDITORA
UNIFESP

A teoria crítica, visando a um diagnóstico radical do tempo presente das sociedades capitalistas, recorre amplamente às concepções psicanalíticas na construção desse projeto. Sob essa ótica, *Narcisismo e Reconhecimento*, de Inara Marin, constitui um marco nos estudos das relações entre psicanálise e teoria crítica ao examiná-las através de uma perspectiva inteiramente original: a do sujeito freudiano e a superação do narcisismo como fundamento das lutas sociais pelo reconhecimento.

A autora parte da "pré-história" da teoria crítica, situando-a no interesse da futura Escola de Frankfurt pelos trabalhos freudo-marxistas de W. Reich. Ela mostra como a referência à psicanálise prosseguiria central em autores como Adorno e Horkheimer, até declinar na obra de Habermas. O retorno contemporâneo da psicanálise nessa tradição crítica se dá através das elaborações de Axel Honneth sobre a luta pelo reconhecimento como elemento decisivo para a constituição do campo social e seus conflitos. Justamente essa hipótese honnethiana constituirá a referência para o argumento de *Narcisismo e Reconhecimento*.

Inara propõe aqui a retomada do tema do reconhecimento à luz da crítica lacaniana à redução do sujeito a suas coordenadas meramente imaginárias. Para Lacan, a constituição do eu se dá, de fato, a partir das relações narcísicas precoces da criança

© Editora Unifesp 2022

com a imagem do outro. Mas essa é apenas sua dimensão especular. O sujeito do inconsciente decorrente da obra de Freud tem outra consistência. Esta é inseparável da linguagem e da dimensão propriamente simbólica do laço social, bem como daquilo que do ser não se deixa recobrir pela imagem ou pela palavra e que Lacan denominaria o real.

A contribuição de Inara Marin para as relações entre a psicanálise e a teoria crítica suscita, assim, questões fundamentais: como pensar o reconhecimento para além de suas matrizes narcísicas? Quais as consequências políticas da introdução do mundo simbólico e da alteridade, que lhe é indissociável, como possibilidade de superação do *huis clos* da luta mortal pelo reconhecimento? Estamos, de fato, condenados ao individualismo, ao egoísmo e ao narcisismo?

Mário Eduardo da Costa Pereira

Psiquiatra, psicanalista, docente da Unicamp e presidente do Laboratório de Psicopatologia: Sujeito e Singularidade (Lapsus)

© Editora Unesp 2022

Inara Marin é psicanalista e professora colaboradora do Departamento de Filosofia da Unicamp. É também pesquisadora do Cebrap, onde coordena um grupo de pesquisa sobre as atualizações da psicanálise na teoria crítica contemporânea. Atualmente, trabalha com o tema da subjetivação da dominação sob a ótica da psicanálise e da teoria crítica.

NARCISISMO E RECONHECIMENTO

© Editora Unifesp 2022

Universidade Federal de São Paulo

Reitor Nelson Sass
Vice-reitora Raiane Patrícia Severino Assumpção

Editora Unifesp

Diretora Cynthia Andersen Sarti

Conselho Editorial Cynthia Andersen Sarti (presidente)
André Medina Carone
Bruno Feitler
Esther Solano
Francisco Foot Hardman
Gabriel Cohn
José Castilho Marques Neto
Letícia Squeff
Mauro Aquiles La Scalea
Paulo Schor
Valéria Petri

Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo

Diretora Presidente Maria José da Silva Fernandes
Conselho de Administração Flávio Tayra
José Leovigildo de Melo Coelho Filho
Superintendente de Publicações Cynthia Andersen Sarti

© Editora Unifesp 2022

Inara Luisa Marin

Narcisismo e Reconhecimento

Os Rumos da Psicanálise na Teoria Crítica

© Editora Unifesp 2022

Editora
Unifesp

Copyright © 2022 by Inara Luisa Marin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Marin, Inara Luisa.

Narcisismo e Reconhecimento: Os Rumos da Psicanálise na Teoria Crítica / Inara Luisa Marin. – São Paulo: Editora Unifesp, 2022.
328 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5632-125-7

1. Narcisismo. 2. Psicanálise. 3. Teoria crítica. I. Título.

CDD 302

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610

Apoio Fapesp
As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Editora associada à ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Direitos em língua portuguesa reservados à

Editora Unifesp
Universidade Federal de São Paulo
Rua Sena Madureira, 1500 – 5º andar
Vila Clementino – São Paulo – SP – 04021-001
(11) 5576-4848 ramal 8393
www.editoraunifesp.com.br

@EditoraUnifesp

@EditoraUnifesp

@editoraunifesp

Impresso no Brasil 2022
Foi feito o depósito legal

© Editora Unifesp 2022

A meu pai

© Editora Unifesp 2022

© Editora Unifesp 2022

Sumário

Agradecimentos 9
Introdução 13

1. A Emergência do Narcisismo 17
   O Diagnóstico Freudiano 17
   O Conflito como Organizador da Causalidade Psíquica 27
   Introdução ao Narcisismo 40
   Eros/Pulsão de Morte: A Segunda Dualidade 49
   Conclusão 55

2. Libido e Sociedade 59
   Libido e Sociedade no "Freudo-Marxismo": Primeiros Termos de uma Articulação 65
   Materialismo Dialético e Psicanálise 72
   A Teoria do Caráter 88
   Uma Posteridade Desconhecida 98

3. O Nascimento da Teoria Crítica 103
   O Projeto do Materialismo Interdisciplinar 105
   Erich Fromm: A Psicanálise como Auxiliar da Sociologia 112
   Horkheimer e a Psicanálise: A Ambivalência 121

© Editora Unifesp 2022

4. Teoria Crítica e Psicanálise 139
A Psicanálise na *Dialética do Esclarecimento* 142
Adorno e a "Psicanálise Revisada": Uma Defesa do Modelo Crítico da *Dialética do Esclarecimento* 152
A Dessublimação Repressiva: Herbert Marcuse 164

5. Psicanálise e Reconhecimento 179
Teoria Crítica e Psicanálise: Uma Releitura 181
Honneth e Adorno: A Crítica do "Negativismo" 186
Narcisismo ou Interação? Retorno a Fromm 197
Honneth e Habermas: Intersubjetividade e Ontogênese 204

6. Ontogênese e Reconhecimento 211
A Teoria do Reconhecimento 211
O Aprofundamento do Conceito de Reconhecimento 229
Teoria Crítica e Reconhecimento: Qual Psicanálise? 238
Psicanálise e Reconhecimento: Um Inventário Crítico 249

7. Lacan e o Reconhecimento 259
Uma Nova Maneira de Pensar o Conflito 262
O Conflito Enquanto Falta 275
Uma Releitura Hegeliana do Eu Freudiano 283
Do Desejo de Reconhecimento ao Reconhecimento do Desejo 288
Conclusão 300

Conclusão 303
Referências Bibliográficas 313

© Editora Unifesp 2022

Agradecimentos

Agradecimentos são, para mim, em geral, momentos carregados de emoção. Especialmente no caso de um trabalho como este que, por assim dizer, revolucionou a minha vida.

Graças a esta obra, minha vida se dividiu em três países diferentes, Brasil, França e Alemanha, e entre quatro línguas distintas, se considerarmos também o inglês. Ao longo desse trajeto, precisei e tive a felicidade de obter ajuda das mais diversas pessoas, e é graças a elas que este trabalho que você tem em mãos agora pode surgir. Gostaria de poder dizer algo a respeito de cada um que esteve nesse caminho comigo, mas, diante da impossibilidade dessa tarefa, me contentarei em nomeá-los aqui como forma de agradecimento.

À Capes, que financiou o primeiro ano deste trabalho na Alemanha.

A meu pai, Matheus Marin, pela alegria de viver, pelo amor, pela generosidade e confiança que me transmitiu (infinito, mil grande). E a Loïse, que chegou em 2009, depois que a tese já estava concluída, mas que participou comigo, na minha barriga, da defesa, e que desde então é o amor da minha vida.

A meus amigos no Brasil: Isabella, Ludimila, Luis Repa, José Rodrigo, Ruben, Ricardo, Alessandra, Jussara e Durval. A minhas irmãs, Andrea e Denise, a minhas sobrinhas e meus sobrinhos: Lucas, Analú, Tomás e Giulia. A Rose e minha querida mãe, Alderiza. As minhas tias e tios, primas e primos. A Marcos Nobre, que sempre foi o vento que sopra sob

© Editora Unifesp 2022

minhas asas. E a Raphael Concli, pelo incansável trabalho de editoração, correção e revisão da tradução, que fez o necessário para que o leitor tenha em suas mãos este livro, que teve sua primeira versão em minha tese de doutorado.

Em memória de Bento Prado Júnior, que formou gerações de intelectuais brasileiros na tradição e transmissão do texto freudiano como texto filosófico. Ele nos deixou o prazer de procurar pontos de cruzamento entre as diferentes disciplinas da filosofia e da psicanálise, sempre buscando o novo nessas áreas de fronteira. Sua obra e sua curiosidade permanecem vivos em mim e em todos que tiveram a oportunidade de serem seus alunos. Este texto, na medida em que o tomo como algo que emana do trabalho do professor Bento Prado, é também uma forma de lhe render homenagem.

Na Alemanha, a Monica Dentz, Babeth Saebisch, Dietmar Wetzel, Felicia Herrschaft, Marie-Christiane Seiferth, Rosimeri Medeiros, Soraya, John Abromeit, Martin Saar, Rainer Forst e Gwynn Markle, por terem feito o período que passei naquele país uma época de formação e grande alegria.

Também gostaria de mencionar o professor Axel Honneth, cujo trabalho está na base de todos esses anos de pesquisa que empreendi, e que não hesitou em conhecer o que uma brasileira, perdida em meio aos corredores da faculdade de filosofia de Frankfurt, tinha a dizer sobre seu trabalho. Seu interesse por minhas produções é um testemunho de sua grande curiosidade e generosidade intelectual; ele suportou minha abordagem crítica a respeito de seus trabalhos com muito interesse e reconhecimento. Agradeço por ter me mostrado que a prática do reconhecimento e a teoria são indissociáveis.

Na França, agradeço a Delphine Babelon, Jacqueline Bitti, Catherine Gallais, Julie Prinz, Roland e Elisabeth Lethier, Nicolas Dissez, Geneviève Alain, Pierre-Henri Castel, Irène Perret, Laurence Darcourt, Nicole, Tatiana, Jean-Pierre e aos jovens da associação En-temps que, ao longo dos anos em que mantive um ateliê de filosofia, pavimentaram um caminho de ideias comigo. E a Olivier Voirol, que deu forma à versão francesa final deste trabalho. Muito obrigada pelo investimento incansável e

© Editora Unifesp 2022

o precioso tempo cedido a meu trabalho. Olivier me emprestou tantas palavras suas até o presente momento que essas palavras me fazem muda para poder lhe agradecer.

A Paul-Laurent Assoun, que realiza, há inúmeros anos, um trabalho incrível de transmissão e diálogo da psicanálise com outras disciplinas. Se meus caminhos são muito próximos dos seus, é porque tomei como minhas diversas de suas questões.

A Cristophe Dejours, que de maneira muito original procura há muito tempo articular libido e sociedade.

A Alain Caillé, a quem sou muito grata por ter aceitado prontamente fazer parte da minha banca de doutorado, contribuindo com suas observações críticas a esta obra. Eu espero não o ter decepcionado.

E, finalmente, a Monique David-Ménard, que, com sua simpatia e espírito de aventura, com sua generosidade e ternura sem limites, sempre soube cuidar de meu trabalho, trazendo grandes questões em boa hora e apontando os problemas que seria necessário enfrentar nesse longo caminho. Seu trabalho, sua personalidade radiante e sua forma corajosa de navegar entre as disciplinas são fontes permanentes de inspiração e referência para mim. Obrigada, Monique, por esse belo encontro.

E agradeço a você, que teve disposição de encarar essa aventura multilíngue e multiconceitual comigo. É desnecessário dizer que a responsabilidade pelos erros é de ninguém, além de mim mesma.

© Editora Unifesp 2022

© Editora Unifesp 2022

Introdução

A teoria crítica tem dois princípios fundamentais: a orientação para a emancipação e a crítica da "teoria tradicional". Esses princípios operam como ferramentas de um diagnóstico de tempo presente (*Zeitdiagnose*) que, por sua vez, permite distinguir entre os potenciais e os obstáculos à emancipação, identificáveis nas sociedades capitalistas modernas. Na história da teoria crítica, esse diagnóstico é reformulado a cada vez com o correr das situações históricas, desde seu primeiro modelo materialista interdisciplinar até trabalhos mais recentes, numa constelação que mobiliza diferentes disciplinas das ciências humanas e, sobretudo – a que nos interessa aqui –, a psicanálise.

Essa tradição da teoria crítica, situada no cerne das grandes questões políticas do século XX, nos incita, pelo seu recurso à psicanálise – antes de mais nada, orientada para uma teoria social –, a retornar a algumas questões levantadas por Sigmund Freud sob uma nova perspectiva. Não é surpresa, então, que esta pesquisa se abra com um retorno ao texto freudiano e, mais precisamente, aborde a questão da dualidade pulsional, para assim examinar a maneira pela qual o narcisismo atravessa essa questão. É a análise da *tensão*, mantida por Freud, entre o conflito pulsional e o narcisismo que vamos chamar aqui de *diagnóstico freudiano*. E é neste diagnóstico de um conflito entre dualidade pulsional e narcisismo que se encontra o potencial crítico ou, dito de outro modo, a dimensão ética e política revelada por Freud com a psicanálise (capítulo 1).

© Editora Unifesp 2022

No início da década de 1930, inaugura-se um projeto interdisciplinar de pesquisa no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt (Institut für Sozialforschung) no qual a psicanálise terá um papel importante. Em uma constelação filosófica fortemente marcada pelo marxismo e na qual a crítica da economia política ocupa um lugar central, a psicanálise será mobilizada como instrumento de compreensão dos modos de socialização e de formação da pessoa. Neste âmbito, ela coabita com a estética e a sociologia em um programa de pesquisa interdisciplinar em que a economia política é a disciplina central.

No intuito de compreender o procedimento dos frankfurtianos, impõe-se um desvio pelos trabalhos de juventude de Wilhelm Reich. Retomaremos então seu percurso, na tentativa de compreender quais são as apostas de um pensamento que visa à articulação entre libido e sociedade e quais as suas proposições (capítulo 2).

Marcadas pelos trabalhos de Reich, as pesquisas de Erich Fromm tentam superar a questão freudiana do narcisismo por meio do social. Para Fromm, trata-se de analisar o processo social a partir da psicanálise, ou seja, indo do inconsciente para o consciente. No que concerne aos trabalhos de Max Horkheimer da década de 1930, esses hesitaram entre a posição de Fromm, que se inscreve na linhagem de Reich, e o pessimismo cultural freudiano (capítulo 3).

Se cada tipo de diagnóstico de tempo presente pressupõe uma determinada constelação de disciplinas, entre as quais uma adquire primazia ou centralidade, somos levados a constatar que a psicanálise vai ocupar, desde a década de 1940 e por um período aproximado de trinta anos, um lugar central na teoria crítica. Disso prestam testemunho os trabalhos de Max Horkheimer e Theodor Adorno, em particular *Dialética do Esclarecimento* (1944), e os de Herbert Marcuse, como *Eros e Civilização* (1955). Não por acaso, essa constelação disciplinar ocorre muito próxima do momento da morte de Freud e da querela entre Horkheimer e Fromm, que resultará na saída deste último do círculo do Instituto. Esse motivo pode explicar por que Jürgen Habermas, em *Conhecimento e Interesse* (1968), concede ainda centralidade à psicanálise, mesmo com o projeto dessa obra tendo sido rapidamente abandonado. Tal abandono, que corresponde à marginali-

© Editora Unesp 2022

zação da psicanálise no seio da teoria crítica, caracteriza seus principais trabalhos da década de 1970.

A centralidade da psicanálise na teoria crítica durante esses decênios, no entanto, não significa que a teoria freudiana foi retomada nas suas formulações originais. Ao contrário, a psicanálise foi pensada como *teoria social*, em um quadro mais amplo, porém, que aquele da psicologia de massas de Freud. Em Horkheimer, Adorno e Marcuse, havia uma crítica da concepção freudiana da subjetividade. Mas a teoria freudiana continua sendo um elemento crítico essencial para a ideia da emancipação do sujeito narcísico e, de maneira mais geral, do narcisismo como elemento estruturante do capitalismo tardio. Será pelo viés dessas duas características distintas – a crítica do sujeito freudiano e a perspectiva da superação do narcisismo – que se dará a reconstrução da relação entre psicanálise e teoria crítica (capítulos 3 e 4).

Com exceção do intermédio de *Conhecimento e Interesse*, a psicanálise terá somente um papel auxiliar nos trabalhos de Jürgen Habermas, pois ele atribuirá um papel principal à teoria social e à teoria da linguagem em *Teoria do Agir Comunicativo* (1981) e, mais tarde, ao direito em *Direito e Democracia* (1992). Já a evolução do debate sobre o papel contemporâneo da teoria crítica na filosofia social, com as novas problemáticas do conflito e do reconhecimento – como tratadas em *Luta por Reconhecimento* (1992), de Axel Honneth – confere um novo lugar à psicanálise. Entretanto, nessa nova constelação, fica bem mais difícil distinguir claramente as fronteiras entre as disciplinas (capítulo 5).

De todo modo, o aspecto principal deste trabalho é a constatação do surgimento de um paradigma do reconhecimento que abre uma perspectiva a qual permite à psicanálise retomar uma posição central na constelação interdisciplinar da teoria crítica. Essa perspectiva toma forma nas tentativas de Axel Honneth de desenvolver uma teoria do reconhecimento baseada principalmente na psicanálise. Se a posição desta última (e, de maneira geral, da psicologia) não é ainda definitivamente estabelecida nos seus trabalhos, já é possível examinar sua proposição nessa formulação provisória e apontar suas insuficiências para dar conta do tema crítico do narcisismo. É nessa ótica que faremos uma análise

© Editora Unifesp 2022

crítica da utilização por Honneth dos trabalhos de Winnicott e de George Herbert Mead, na sua tentativa de fundar uma psicologia social com vocação crítica (capítulos 5 e 6).

No último momento desta pesquisa, confrontaremos a articulação entre psicanálise e teoria crítica presente nos trabalhos de Axel Honneth com a psicanálise de Jacques Lacan. É com tal objetivo que nos debruçaremos, em particular, sobre a *teoria lacaniana do sujeito e do objeto* – após haver reconstruído, num primeiro momento, a teoria freudiana do conflito psíquico e do narcisismo (capítulo 1). Isso pode, com efeito, permitir uma atualização da problemática da relação entre o Eu e o Id implicada na leitura do aforismo freudiano "*Wo Es war soll Ich werden*", isto é, "Onde o Isso estava, deve o Eu advir". Respostas mais convincentes às críticas dirigidas por Horkheimer, Adorno e Marcuse à noção freudiana do Eu como entidade puramente normativa poderão então ser esboçadas. Desse modo, essa releitura da proposição lacaniana pode se apresentar como relevante à teoria crítica, diante da necessidade de fazer face ao duplo desafio de repensar o sujeito contemporâneo – com e contra Freud – e de desenvolver uma noção de narcisismo formulada numa intenção crítica e emancipatória. A reformulação lacaniana da teoria freudiana do Eu trouxe uma compreensão nova do narcisismo freudiano, que não estava à altura dos desafios atuais referentes a este fenômeno. Essa reformulação poderá contribuir para restituir uma impulsão à intenção crítica original da superação do narcisismo (capítulo 7).

© Editora Unifesp 2022

CAPÍTULO 1

A Emergência do Narcisismo

A Psicanálise de Freud como Atualização de uma Tensão

> *É impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia pulsional, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, recalque, ou o quê mais?) de pulsões poderosas.*
>
> Sigmund Freud, *Mal-estar na Civilização*

O Diagnóstico Freudiano

Se *Mal-estar na Civilização*[1] é uma obra tardia (1929), Freud esboça, aí, uma problemática que percorre toda sua obra: aquela de uma tensão, às vezes muda, às vezes explícita, entre a realização do indivíduo e as exigências do coletivo. É a explicitação dessa tensão que chamamos aqui de "diagnóstico" de Freud, o qual oferece a chave para reconstruir um arranjo conceitual nos caminhos da doutrina psicanalítica, a fim de evidenciar o potencial crítico da psicanálise. Ainda que essa tensão tenha sido formulada em diferentes momentos da obra freudiana – seja em termos biológicos ou metapsicológicos, ou ainda segundo diferentes pontos de vista (econômico, dinâmico e tópico) –, nossa leitura não se concentrará na

1. A publicação oficial dessa obra data de 1930, mas correspondências de Freud indicam que a redação foi iniciada em 1928. Cf. S. Freud, *Le Malaise dans la culture*, em Œuvres complètes, vol. XVIII, pp. 246-247. A tradução brasileira que aqui tomaremos como referência é S. Freud, *O Mal-estar na Civilização*, em *Obras Completas*, vol. 18.

© Editora Unifesp 2022

clarificação epistemológica dos desenvolvimentos freudianos, o que não desmerece em nada a importância da leitura epistemológica. Para o presente trabalho o que constitui o ponto nodal da contribuição freudiana é seu potencial crítico, ou seja, a dimensão ética e política desvelada por Freud com o discurso psicanalítico. Dito de outro modo, é fato que existe um mal-estar na constituição simultânea do social e do individual, e a psicanálise se apresenta como um dos modos de sua atualização.

Faz-se necessário, porém, proceder a uma clarificação a fim de evitar mal-entendidos que possam surgir por conta dessa nossa posição de fazer uma leitura da doutrina psicanalítica a partir de seu potencial crítico. Gostaríamos de mencionar duas versões desses mal-entendidos. A primeira vem da *prática* da psicanálise, que, tendo de se defender das acusações que lhe são feitas atualmente[2], tende a entrincheirar-se na clínica, recusando toda outra forma de discurso que lhe seja alheio – ou seja, sustenta a posição da singularidade e da particularidade de cada cura. De acordo com essa perspectiva, a consequência de uma leitura da doutrina psicanalítica não limitada ao uso clínico conduziria a uma visão de mundo (*Weltanschauung*), segundo os termos de Freud.

Essa concepção nos conduz ao segundo mal-entendido, o qual consiste em pensar que toda vocação crítica da psicanálise se reduziria forçosamente a uma *Weltanschauung*. Segundo Freud:

> Entendo que uma visão de mundo é uma construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas de nossa existência, na qual, portanto, nenhuma questão fica aberta, e tudo que nos concerne tem seu lugar definido. É fácil compreender que a posse de uma visão de mundo se inclui entre os desejos ideais de um ser humano. Acreditando numa visão de mundo, podemos nos sentir seguros na vida, saber a que devemos aspirar e como alocar da maneira mais apropriada os nossos afetos e interesses[3].

Ora, a especificidade do aspecto crítico da psicanálise consiste justamente em visar outra coisa que não consista em propor algo como uma

2. Para um bom ponto sobre a questão, ver P.-H. Castel, *A quoi résiste la psychanalyse*.
3. S. Freud, "Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise", em *Obras Completas*, vol. 18, p. 322.

© Editora Unesp 2022

visão de mundo ou um entrincheiramento na clínica. Esse aspecto crítico quer, acima de tudo, colocar em evidência o enraizamento histórico da doutrina freudiana, ou seja, a preocupação de Freud quanto à construção de um *corpus* teórico-clínico enraizado na relação do sujeito humano com o mundo. É precisamente com a intenção de colocar em evidência o interesse pelo sujeito humano, concebido sob o prisma de sua inserção num mundo de relações, que se impõe a escolha terminológica do termo "diagnóstico". Diagnóstico deve ser considerado aqui em seu sentido etimológico, como apto a reconhecer[4] ou, ainda, como a procura daquilo que não é transparente na relação do sujeito consigo mesmo e com as representações do mundo que lhe é exterior. Numa perspectiva freudiana, diagnosticar é visar o retorno daquilo que é recalcado e o aparecimento do sintoma a partir daí. Dito em termos mais atuais, trata-se de buscar o que é disfuncional nas relações intersubjetivas e intrapsíquicas. O ponto de vista crítico não pretende – e nem pode pretender – construir uma visão de mundo. Com efeito, o diagnóstico de tempo de Freud, longe de conduzir a um diagnóstico fechado, leva em conta a dimensão histórica e, portanto, seu caráter inacabado. A ideia mesma de um diagnóstico implica, fundamentalmente, uma *abertura*.

A fim de evitar a confusão que a ideia de uma abertura poderia introduzir – como a possibilidade de visar a tudo sem que importe qual seja o resultado –, convém mantermos em aberto a afirmação segundo a qual o diagnóstico pressupõe, forçosamente, uma referência normativa: fazer uma crítica inevitavelmente leva-nos a mobilizar uma referência partilhada e, portanto, uma norma. Tal referência normativa não vem dos próprios desenvolvimentos freudianos. Ela decorre da filosofia como razão encarnada num sujeito autônomo, visado como transparente a si mesmo, pois ele se dá suas próprias leis resultantes da *ratio* médico-científica, a qual considera o normal como a norma. A grande descoberta de Freud é justamente o "além da razão" que chamamos inconsciente, no qual subsiste sempre a opacidade, o contrário mesmo da *ratio* filosófica. A questão quanto a uma referência normativa na psicanálise seria, estrito senso, es-

4. Cf. J. Dubois, H. Mitterrand e A. Dauzat, *Dictionnaire de l'étymologie*.

© Editora Unesp 2022

tranha ou até mesmo hostil a esta última. No limite, isso poderia conduzir a uma psicanálise como visão de mundo – exatamente o que Freud tentava evitar. À questão com a qual se inicia o primeiro parágrafo da lição sobre esse tema, "se a psicanálise leva a uma determinada visão de mundo e qual seria ela"[5], Freud responde: "A psicanálise não é capaz, penso eu, de criar uma visão de mundo que lhe seja própria. Ela não necessita de uma, é parte da ciência e pode se filiar à visão de mundo científica. Mas dificilmente esta mereceria um nome assim grandioso, pois não contempla tudo, é demasiado incompleta, não reivindica ser totalmente coesa e construir um sistema"[6].

Se considerarmos o potencial crítico da doutrina psicanalítica, a questão que se impõe é saber que fio escolher para tecer a tela crítica de

5. S. Freud, "Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise", *op. cit.*, p. 321.
6. *Idem*, *ibidem*, p. 354. Nesse texto, Freud procede ao exame crítico de três visões de mundo consecutivas, que devem, segundo ele, passar pelo crivo da psicanálise. Para a visão de mundo religiosa, Freud mostra como a psicanálise permite desvelar que tal visão é determinada pela situação da nossa infância, ou seja, que ela é fundada sobre a angústia do "desamparo infantil e ao fazer seus conteúdos derivarem dos desejos e necessidades da infância, que prosseguem na vida adulta" (p. 334). Do lado da ingenuidade do *Weltanschaaung* filosófico e do anarquismo político, Freud afirma que "não há nenhuma verdade, nenhum conhecimento garantido do mundo exterior" (p. 345). Para demonstrar essa visão de mundo, Freud faz economia de mostrar que, por trás desse argumento, não há verdadeiramente concordância entre aquilo que conhecemos e a realidade na ciência: "poderíamos construir pontes tanto de pedra como de papel" (p. 346). Por trás dessa ideia, existe o aspecto da irredutibilidade da realidade do exterior que vem traumatizar o pensamento e que pode, ou não, fazê-lo trabalhar. No caso da resposta negativa, o resultado será o sintoma filosófico da anarquia política, como no caso presente. A crítica mais importante para nossa tese dirige-se a esta última visão de mundo, o marxismo. O exame crítico psicanalítico desvela o caráter redutor dessa visão de mundo, que se fia basicamente em fatores econômicos, negligenciando os fatores psicológicos (cf. pp. 349 e 350). Veremos na sequência como a tradição do freudo-marxismo de Wilhelm Reich e Erich Fromm retoma para si essa crítica e esse desafio lançado por Freud. "Se alguém pudesse mostrar detalhadamente como esses diversos fatores, a compleição instintual humana, suas variações raciais e suas transformações culturais se comportam sob as condições da ordenação social, das atividades profissionais e dos meios de subsistência, como inibem e promovem uns aos outros; se alguém fosse capaz de fazê-lo, complementaria o marxismo tradicional de modo a torná-lo uma verdadeira ciência da sociedade. Pois também a sociologia, que trata da conduta dos seres humanos na sociedade, não pode ser outra coisa senão psicologia aplicada. Falando estritamente, há apenas duas ciências: psicologia pura e aplicada, e ciência natural" (pp. 350-351).

© Editora Unifesp 2022

maneira a articular diversidade e as diferenças do percurso freudiano. A isso soma-se, sem que lhe seja feita violência, a restituição da perspectiva nem sempre evidente de um sujeito marcado pelo trauma, resultante do descompasso entre o princípio do prazer e o princípio de realidade. Este trauma não é outro que o drama do sujeito diante da satisfação pulsional ou, dito de outra maneira, entre um "si mesmo" e sua representação, tanto para si como para os outros. Ele não é outro que o desconhecimento do fato de que este "si mesmo" já é um "si mesmo" para os outros. No entanto, diferente de Hegel – embora a semelhança com este último não nos escape –, para quem o percurso da consciência se orienta na direção do espírito absoluto, o fim da história, o percurso freudiano – a "deriva" do sujeito psicanalítico –, está sempre imbricado na história de uma realização que não se dá jamais na sua efetivação.

Para já contextualizar a orientação que nossa discussão sobre psicanálise tomará nos capítulos seguintes – e, em particular, sua apropriação pela teoria crítica –, nos esforçaremos em mostrar os riscos da proposição que consiste em ver a psicanálise freudiana como a revelação de uma intersubjetividade que toma a forma de uma autorreflexão do sujeito – como sustenta Jürgen Habermas em *Conhecimento e Interesse*[7] a partir de uma leitura hermenêutica da psicanálise. Acreditamos não ser bom caminho esvaziar a psicanálise de suas tensões para desenvolver uma visão de mundo "lisa". Consideramos que o desvelamento que se opera no curso do processo analítico não fez desaparecer jamais, tanto para o analista como para o analisando, o caráter traumático do descompasso entre esse "si mesmo" e sua representação "para si" e "para outros". A tensão permanece sempre e indefinidamente, inclusive no acesso à autorreflexão. Todo nosso trabalho consistirá em mostrar como esse descompasso é sempre operante aos olhos de Freud, descompasso que se encarna especialmente nas relações entre o consciente e o inconsciente – o "*wo Es war soll Ich werden*" – que qualificamos anteriormente como "diagnóstico freudiano".

7. J. Habermas, *Conhecimento e Interesse*. Habermas é um exemplo da maneira de conceber o processo analítico como um desvelamento que apaga os traços do trauma procedente do descompasso entre o *moi* e *je*, descompasso que é constitutivo da psicanálise (ver capítulo 5).

© Editora Unifesp 2022

Como veremos, Freud buscará a explicação desse descompasso ou dessa tensão junto ao sexual[8].

Para além da natureza: o sexual

Para testar nossa hipótese de leitura, nos dedicaremos principalmente à problemática da dualidade pulsional e a como ela é atravessada pela questão do narcisismo. Freud não quis jamais abandonar a hipótese de um conflito entre dois tipos de pulsão: primeiro aquele entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação do lado do Eu, conflito que se transformará após 1920 em um embate entre pulsão de vida e pulsão de morte. Isso vale igualmente para o período de 1914 a 1920, no qual Freud foi de certa forma "forçado" a formular a hipótese do narcisismo, a qual contradizia a ideia do conflito pulsional – entre pulsões sexuais e pulsões do Eu – uma vez que o Eu aparecia sobretudo em sua dimensão sexual. Assim, como indica Jung, a teoria da libido não seria uma teoria dualista, mas sim uma teoria monista na qual toda tensão seria excluída.

Neste novo contexto teórico onde o narcisismo aparece como problema central, Freud não terá mais a necessidade de manter a distinção entre pulsões sexuais e pulsões não sexuais – pois o narcisismo é a pulsão do Eu já sexualizado[9]. Entretanto, Freud se recusa a abandonar a hipótese anterior da dualidade pulsional, mesmo concedendo que neste momento a articulação do conflito nos termos adequados não esteja pronta. É so-

8. No seminário de 1954-1955, *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, Lacan evoca como La Rochefoucauld já havia abordado o tema do caráter enganador do amor-próprio como embuste do fundamento de todos os comportamentos humanos. Freud desvela o caráter enganador do comportamento humano ao mostrar que o prazer não procura o bem: a verdade está alhures, ela está ao lado da libido (pp. 20-21).
9. Como Freud dirá cerca de vinte anos mais tarde: "O conceito de narcisismo tornou possível apreender analiticamente a neurose traumática, assim como a psicose e muitas afecções vizinhas a esta. A interpretação das neuroses de transferência, como tentativa de o Eu defender-se da sexualidade, não precisou ser abandonada, mas o conceito de libido ficou ameaçado. Como também os instintos (pulsões) do Eu eram libidinais, por um momento pareceu inevitável fazer coincidirem libido e energia instintual (pulsional), tal como C. G. Jung pretendeu anteriormente" S. Freud, *O Mal-estar na Civilização*, *op. cit.*, p. 85.

© Editora Unesp 2022

mente alguns anos mais tarde que Freud reformulará a dualidade inicial sob uma nova forma. Esta outra dualidade operará entre a *pulsão de vida* (Eros), responsável pelo caráter de ligação e que retoma as antigas pulsões sexuais junto com as pulsões de autoconservação, e uma *pulsão de morte* (T*â*natos), marcada pela tendência ao desligamento e que se manifesta ao lado da repetição de uma experiência traumática.

Já podemos vislumbrar a partir destes primeiros indícios que esta tensão diz respeito ao drama do sujeito jogado no mundo, e obrigado a aprender a transparecer ser capaz de conciliar o irreconciliável: sua satisfação será sempre uma busca inacessível entrelaçada na do outro, do qual ele nada sabe. Se retomarmos o primeiro par de oposições pulsionais, isto é, o modelo da teoria psicanalítica até o começo da década de 1920, constataremos o quanto para Freud, esse cidadão da Viena do século XIX, a sexualidade é o fio condutor que convém seguir para se interrogar sobre o descompasso da busca pela satisfação. Dessa forma, é sobretudo a partir do exame do sexual no humano que poderemos saber aquilo que se constitui num bloqueio[10], do ponto de vista do progresso da razão, ou seja, o que não permite a articulação entre o social e o individual do ponto de vista intersubjetivo, ou entre o consciente e o inconsciente do ponto de vista intrapsíquico. Como podemos ler na obra em que Freud apresenta aquilo que chamamos de seu diagnóstico: "Mas essa luta entre indivíduo e sociedade não deriva da oposição provavelmente inconciliável entre as duas pulsões primevas, Eros e Morte; significa uma desavença na casa da libido, comparável à briga pela destruição da libido entre o Eu e os objetos, e admite um equilíbrio final[11] no indivíduo oxalá também no futuro da civilização – apesar de atualmente dificultar-lhe tanto a vida"[12].

A especificidade do discurso da psicanálise freudiana está em interrogar este descompasso junto ao sexual, ou seja, este *para além* da animali-

10. O percurso para compreender aquilo que se "constitui em um bloqueio" se encontra também em Jean-Jacques Rousseau, que, no seio de um século em que predomina o credo na *Aufklärung*, destaca que o bem do indivíduo e o bem do coletivo não se sobrepõem.
11. Por "equilíbrio final", entendemos aqui um equilíbrio do modelo ideal do indivíduo, que não existe na sociedade.
12. S. Freud, *O Mal-estar na Civilização*, *op. cit.*, p. 116.

© Editora Unesp 2022

dade, tanto no quadro do primeiro par de oposições pulsionais (autoconservação/sexual) quanto no quadro do segundo par (vida/morte).

O narcisismo e o conflito pulsional

Toda reconstrução da problemática do conflito psíquico na obra de Freud corre o risco de repetir uma história na qual nos perdemos depressa, nos meandros de um verdadeiro labirinto conceitual que se apresenta no curso de nossa leitura. Para escapar a esta armadilha é mais adequado evitar uma perspectiva geral e partir de um texto particular de Freud, *Introdução ao Narcisismo* (1914). Este texto se situa à charneira das questões abordadas de maneira central na presente pesquisa. A questão da dualidade pulsional, que é atravessada pelo problema do narcisismo, permite identificar a intuição teórica fundamental de uma *tensão*. Esta ideia de tensão está baseada no diagnóstico freudiano da constituição subjetiva do homem moderno, pois a intenção original de Freud é dizer que a origem da subjetividade é de ordem conflitual[13]. O percurso clínico será confrontado com este diagnóstico inicial no qual ele tentará, por múltiplos desvios, validar ou não sua pertinência[14].

Se o narcisismo não esteve sempre presente enquanto conceito nos trabalhos de Freud, isso se dá, pois a impulsão essencial da interpelação do *corpus* freudiano emana da clínica e das questões de ordem técnica[15].

13. Do ponto de vista da exterioridade, a releitura proposta por Jacques Lacan sobre a questão do narcisismo, do conflito e da agressividade em psicanálise é marcada por um "retorno" original a Freud, graças a uma nova chave de leitura fornecida pela antropologia e pela linguística (retornaremos a este ponto em mais detalhes no capítulo 7).
14. Segundo os termos de Freud, "o exame do material clínico não fornece resposta inequívoca neste ponto, pois conforme nosso pressuposto, as duas espécies de instintos (pulsões) quase nunca aparecem puras, isoladas uma da outra; mas a apreciação de casos extremos provavelmente apontará na direção que espero". S. Freud, *O Mal-estar na Civilização*, *op. cit.*, p. 112.
15. No caso particular da psicose e das análises que irão fracassar devido à resistência do analisando em aceitar as interpretações do analista, Lacan diz que o problema que levou Freud a repensar sua teoria foi o problema clínico da resistência ao tratamento, a partir de 1920. Freud é forçado a introduzir novas noções metapsicológicas para poder continuar fiel ao descentramento do sujeito e ao constato do fracasso clínico: "Esta crise aparece claramente expressa nas testemunhas históricas dos anos que vão de 1910 a 1920. Na época das primeiras revelações

© Editora Unesp 2022

Essa ausência nos primeiros textos do fundador da psicanálise não significa, no entanto, que o problema não estivesse perceptível de uma maneira ou de outra[16]. Para fins de melhor compreensão, se impõe a nós um retorno cronológico com a finalidade de ver mais claramente o percurso de Freud até o momento em que o narcisismo, enquanto tal, emerge na construção do Eu.

O primeiro momento de esboço da ideia daquilo que se tornará em seguida o Eu, se dará segundo a hipótese quantitativa formulada em *Projeto de uma Psicologia* (1895). Anteriormente à ideia de sistema da consciência já se encontrava o Eu. Depois dessa primeira formulação, o Eu continua a ser colocado em cena, mas detrás das cortinas, ou seja, sob a égide do modelo de defesa, tornando-se assim responsável pelas funções de inibição. A hipótese quantitativa é retomada em termos econômicos, tópicos e dinâmicos, e poderemos então reencontrar a força da hipótese qualitativa da sexualidade freudiana. O salto qualitativo de Freud consiste em falar da sexualidade humana, não em termos de instintos, mas em termos de pulsões sexuais – estas últimas constituirão o outro polo do conflito defensivo ao lado do Eu. Será somente na terceira formulação, quando a problemática da pulsão ganha em amplitude, que o Eu se torna a questão principal, ou seja, o momento no qual o Eu adquire um suporte pulsional; é este então o momento da irrupção do narcisismo. Para que a problemática do narcisismo pudesse irromper em suas pesquisas, Freud deveria anteriormente deslocar o ponto focal de suas investigações, que passariam do *mecanismo* do recalque (no qual a parte libidinal daquilo que é recalcado fica invisível) ao recalque enquanto entidade clínica (na qual a parte libidinal pode se tornar visível por meio do narcisismo). Contra-

analíticas, os sujeitos saravam mais ou menos milagrosamente, o que ainda nos é perceptível quando lemos as observações de Freud, com as suas interpretações fulgurantes e explicações que não acabam mais. Pois bem, fato é que isso foi funcionando cada vez menos, que se amorteceu com o passar do tempo". J. Lacan, *O Eu na Teoria de Freud e na T*écnica da *Psicanálise* (1954-1955), pp. 18 e 19. No capítulo seguinte, veremos que é essa mesma constatação clínica que constituirá o ponto de partida de Wilhelm Reich.

16. S. Freud, *Além do Princípio do Prazer*, em *Obras Completas*, vol. 14, pp. 224 e 225. "Mesmo antes que tivéssemos conhecimento do narcisismo já havia, na psicanálise, a conjectura de que as 'pulsões do Eu' atraem para si componentes libidinais".

© Editora Unifesp 2022

riamente ao que se poderia crer, essas formulações não são contraditórias, pois cada uma corresponde a um momento preciso da elaboração da doutrina psicanalítica.

Com efeito, mesmo se a problemática que se apresenta a Freud, em termos do narcisismo ou da *libidinização* do Eu, não estava ainda formulada dessa maneira, podemos reencontrar esta problemática sob uma forma deslocada e em outros termos: na dúvida de Freud quanto a saber onde colocar o sadismo, se junto ao Eu ou junto aos objetos[17]. Ora, o que temos é que a distinção entre o Eu e seus objetos não era tão evidente quanto Freud desejava. É por essa razão que o narcisismo aparece neste contexto tanto como consequência necessária quanto como uma irrupção abrupta no desenvolvimento da teoria freudiana.

Após essas considerações introdutórias, durante as quais justificamos nossa proposta geral, destacamos agora que o texto de Freud a ser examinado mais precisamente é *Introdução ao Narcisismo*[18]. Redigido em 1914, esse texto visa responder às críticas endereçadas à teoria da libido por Carl Gustav Jung[19]. Para este último, tratava-se de sublinhar que a tentativa de situar um caso de paranoia no quadro explicativo da psicanálise fazia implodir a teoria freudiana da fonte sexual da libido[20]. Freud estava muito irritado pelas críticas de seu antigo discípulo (a quem ele havia visado anteriormente como um líder do movimento psicanalítico[21], irritação que se

17. A interrogação sobre o sadismo e seu aspecto originário está na superfície de toda a doutrina freudiana até 1924, quando ele propõe o masoquismo no lugar originário.
18. S. Freud, *Introdução ao Narcisismo*, em *Obras Completas*, vol. 12.
19. Os textos de Jung aos quais Freud faz referência em *Introdução ao Narcisismo* foram publicados em 1912 e 1913 no *Jahrbuch für psychoanalytischen Forschung*: "Wandlung und Symbole der Libido" (vol. IV, 1912), e "Versuch einer Darstellung der psychoanalytischer Theorie" (vol. V, 1913).
20. O caso de paranoia em questão é aquele de Schreber, do qual Freud havia publicado uma análise em 1911. Esta suscitará a crítica de Jung, que Ferenczi se encarregará de responder – resposta cujo conteúdo sabemos que Freud partilhava. Pela preocupação de mantermos o foco de nossa reconstrução, não entraremos nos detalhes deste argumento; este texto é somente um rascunho e é muito mais interessante pelos problemas que levanta do que pelas respostas que fornece. Estes problemas serão retomados por Freud no texto sobre o narcisismo de 1914.
21. Segundo E. Jones em *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, vol. 2, p. 151, "[Freud] tinha pensado em Jung como seu sucessor direto e o tinha retratado, além de continuador das contribuições à psicanálise que ele já fizera, como um foco central para todas as atividades psicanalíticas. Ele

© Editora Unifesp 2022

manifesta desde as primeiras páginas de seu texto: "C. G. Jung fez tal afirmação, e obrigou-me assim a esta última discussão, que eu bem gostaria de ter evitado. Teria preferido seguir até o final o curso tomado na análise do caso Schreber, silenciando a respeito de suas premissas"[22]. É claro que, se Freud considerava como prematura a discussão da libido, assim como da fonte do Eu, ele não poderia se calar diante de tais proposições. Isso traria o risco de permitir o desenvolvimento de uma direção oposta aos pressupostos de partida da psicanálise, que renunciaria assim ao elemento mesmo de sua especificidade. Essas pressuposições iniciais encontram na libido o elemento fundamental da sexualidade, e Freud as coloca junto da energia psíquica não sexual. Elas são a fonte mesma do conflito psíquico, assim como os organizadores da causalidade psíquica. Esses são os temas maiores com os quais Freud se confronta em *Introdução ao Narcisismo*.

O Conflito como Organizador da Causalidade Psíquica

Para tornar clara nossa proposta, precisaremos retomar o argumento freudiano de maneira esquemática, sem seguir forçosamente Freud ao pé da letra em sua construção da teoria da libido. Propomos uma reconstrução que destaque a problemática da dualidade pulsional para chegar à questão do narcisismo, desenvolvida em 1914. Para Freud[23], a especificidade da sexualidade humana reside no fato de que ela não é da ordem da necessi-

seria o elemento de ligação entre as várias sociedades, aconselhando e auxiliando sempre que necessário e supervisionando o variado trabalho administrativo dos congressos, o trabalho editorial etc.".

22. S. Freud, *Introdução ao Narcisismo*, *op. cit.*, pp. 22-23.
23. "Definimos o conceito de libido como uma força quantitativamente variável, que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual. Distinguimos esta libido, no tocante à sua origem especial, da energia que se deve supor subjacente aos processos mentais em geral e, assim, também atribuímos a ela um caráter *qualitativo*. Estabelecendo essa distinção entre formas libidinosas e outras formas de energia psíquica, damos expressão ao pressuposto de que os processos sexuais que ocorrem no organismo se distinguem dos processos nutritivos por uma química especial." S. Freud, "A Sexualidade Infantil", em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, em *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. VII, p. 223.

© Editora Unifesp 2022

dade biológica – ou seja, da ordem do instinto –, mas, sim, da ordem da libido. A partir desta premissa inicial[24], na qual há uma diferença qualitativa entre necessidade biológica e desejo humano, impõe-se a Freud a exigência de um modelo dualista para dar conta das diferentes energias

24. Jacques Lacan (cf. aula de 26 jan. 1955) aponta o caráter filosófico da construção de Freud no que concerne às pulsões, quando este faz referência à reivindicação de Lagache em relação ao aspecto empirista do percurso freudiano: "O professor Lagache, ontem à noite, almejava mui justamente um empirismo, e de uma maneira, que não deixa de pôr a pulga atrás da orelha. Pois não há empirismo possível sem uma esmerada conceitualização.
A obra de Freud o mostra bem. Só se pode avançar no campo empírico na medida em que a conceitualização for, a cada instante, retomada e enriquecida. Abram o artigo *As pulsões e seus destinos*.
Ouvimos dizer frequentemente que uma ciência deve ser estruturada em conceitos básicos claros e bem definidos. Na verdade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se aplique certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias – que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; está fora de questão que haja definição nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a nos entender a respeito de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções – embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas, mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem utilizáveis em larga escala e assim inteiramente livres de contradições.
Diz-se que Freud não é um filósofo. Vá lá, mas não conheço texto sobre a elaboração científica que seja mais profundamente filosófico.
Então, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento não tolera, contudo, nenhuma rigidez nas definições. Assim, o exemplo da física ensina de maneira brilhante [...] que mesmo conceitos básicos*, que tenham sido fixados em definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo. Um conceito básico convencional desta espécie, que no momento ainda é algo obscuro, mas que não podemos dispensar na psicologia, é o instinto,* ou dito de outra forma: pulsão, de que vamos falar". J. Lacan, *O Seminário, Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, pp. 123-124, itálicos do original. Para compreender a ambiguidade da posição freudiana com relação à filosofia, ver notadamente P.-L. Assoun, *Freud, la philosophie et les philosophes*.

© Editora Unesp 2022

que servirão para distinguir a fome do amor, ou seja, para distinguir as pulsões sexuais de outras pulsões catalogadas inicialmente sob o termo de "*pulsões de autoconservação*"[25]. Mais precisamente, a fonte da libido se encontra na sexualidade – esse impulso que tenta encontrar sua satisfação numa descarga energética imediata.

Essa maneira de procurar a satisfação dará forma ao princípio do prazer por oposição às pulsões de autoconservação, que dão forma ao Eu, em que a satisfação será submetida ao princípio de realidade. Nesse caso, o conflito psíquico se desenvolverá segundo o quadro no qual o Eu é responsável por sua própria defesa: ele deve se proteger de todo gênero de representação cujo conteúdo coloca sua coerência em perigo, sendo que o Eu, neste momento do caminho da teoria freudiana, é somente um conjunto de representações que se estruturam entre si. Quais são as representações que ameaçam a coerência do Eu por seu conteúdo, senão aquelas que têm um conteúdo sexual, ou, dito de outra maneira, que são regidas pelo princípio do prazer? Temos, então, a cisão psíquica. Freud apresenta, de um lado, o Eu, essa instância frágil que recebe o conteúdo de suas representações da moral sexual burguesa, ou seja, *do exterior*, e que deve lutar contra os impulsos sexuais. De outro lado, os impulsos sexuais vindos *do interior*, que devem ser mantidos em silêncio, num ato de recalque, pois não são mais coerentes com as representações que compõem o Eu.

Segundo Freud, a especificidade mesma do mecanismo de recalque reside no fato de que os conteúdos das representações serão recalcados, banidos da consciência ou do território do Eu. A carga de afeto que estava ligada a essas representações poderá ser recalcada, convertida em angústia ou em emoção inconsciente. Toda a história da teoria das neuroses em Freud consiste em mostrar que os conteúdos que foram recalcados, e cujos afetos foram liberados, irão voltar à tona, mas deslocados, transfigurados ou sublimados. Mais uma vez, é necessário sublinhar que não temos a intenção de esgotar a discussão sobre a teoria freudiana do conflito psí-

25. Como mostra Freud em *O Mal-estar na Civilização*, *op. cit.*, p. 84, ele mesmo se interroga sobre suas origens filosóficas: "No completo desnorteio inicial, uma frase do poeta filósofo Schiller, segundo a qual 'a fome e o amor' sustentam a máquina do mundo, forneceu-me o ponto de partida".

© Editora Unesp 2022

quico e, consequentemente, sobre a teoria freudiana da libido. Como se impõe a nós o recorte de uma constelação teórica muito vasta, vamos nos ater a nossa escolha conceitual inicial, mesmo que isso possa parecer para os especialistas em Freud uma redução ou uma simplificação abusiva de seus desenvolvimentos. Certo grau de simplificação se impõe, mas sem, por isso, deixar de lado o espírito da proposição freudiana.

A cegueira histérica, vestíbulo do narcisismo

Segundo indicações de diversos dicionários e introduções aos textos de Freud, a primeira reformulação do quadro explicativo do conflito pulsional aparece em um texto de menor importância datado de 1910, "A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão"[26]. Sabemos que Freud irá reclamar deste texto em uma carta a Sandor Ferenczi, destacando o caráter insatisfatório de seu resultado, pelo qual chega até a se desculpar, ainda que atribua isso ao caráter de encomenda na origem de sua redação[27]. Nesse "pequeno trabalho", como Freud o qualifica, as dificuldades encontradas por ele para explicar o problema da visão têm o mérito de associar o primeiro modelo de defesa do Eu à hipótese da dualidade pulsional[28]. Essa hipótese se dá graças à necessidade de se introduzir o termo "pulsão do Eu" que, ao lado das pulsões de autoconservação, fará oposição às pulsões sexuais. O fato de um caráter pulsional ser igualmente atribuído ao Eu significa que os conteúdos que formam as representações, as quais devem fazer do Eu um conjunto coerente, não vêm exclusivamente do exterior. É a ideia de que o princípio do prazer transforma, assim, o

26. S. Freud, "A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão", em *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XI, pp. 217-227.
27. Introdução ao texto da edição francesa das obras de Sigmund Freud. "Esta contribuição a um livro de homenagem a Leopoldo de Königstein (1850-1924) por seu sexagésimo aniversário publicado em 1º de maio de 1910. Oftalmologista em Viena, Königstein era um dos mais antigos amigos de Freud e havia participado do primeiro Congresso de Psicanálise em abril de 1908 em Salsburgo" (S. Freud, Œuvres complètes, *op. cit.*, vol. X: 1909-1910, p. 178).
28. Como advindo exclusivamente do mundo exterior, tal como apresentado algumas linhas acima.

© Editora Unesp 2022

princípio de realidade, e vice-versa, e é nessa negociação que o Eu encontra o seu lugar. Freud é conduzido a esta reformulação para explicar como um órgão pode ter duas funções[29].

Passemos a palavra a Freud para introduzir as pulsões do Eu, no que pode parecer um *plaidoyer* por uma exigência da dualidade de conflito no seu modelo pulsional:

> Nossa atenção foi atraída para a importância das pulsões na vida ideacional. Descobrimos que cada pulsão procura tornar-se efetiva por meio de ideias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estas pulsões nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre as várias pulsões. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre as pulsões que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e as demais pulsões que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – as pulsões do Eu[30].

Após a distinção em que se introduz a oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu, Freud nos convida a considerar a observação concreta da qual partiu:

> Tanto as pulsões sexuais como as pulsões do Eu[31], têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos a sua disposição. O prazer sexual não está apenas

29. Não acreditamos incorrer em engano ao indicar que Lacan soube muito bem tirar consequências desse pequeno texto de Freud. Ele "libidiniza" a função do olhar ao introduzir a pulsão escópica em *O Seminário, Livro 11*, ou seja, ele reconhece nesse texto de Freud que há algo mais do que o ver na função do olhar, o que faz referência ao prazer – ainda que o caminho por ele tomado não seja o mesmo de Freud, que libidiniza o Eu. Podemos compreender todos os desenvolvimentos de Lacan sobre o estádio do espelho como uma tentativa de compreender essa problemática, mesmo não sendo o Eu que é "libidinizado", mas o olhar, fazendo do Eu uma instância imaginária que se formará a partir dessa função sexual do olhar, e que irá, justamente por isso, desconhecer sua origem sexual.
30. S. Freud, "A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão", *op. cit.*, p. 223 (tradução alterada por mim).
31. A ideia que é invocada sem referência explícita nesse texto é aquela da *Anlehnung* (apoio), à qual retornaremos mais adiante.

© Editora Unifesp 2022

ligado à função dos genitais. A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar; os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos[32].

Nesse texto de 1910, Freud considera que o Eu se forma também a partir do registro pulsional: o mecanismo por excelência de defesa do Eu, o recalque, pode a todo momento falhar e fazer o Eu cair na armadilha do sintoma neurótico, que é o contrário da coesão de representações. Esta coesão do Eu implica, com efeito, o controle do órgão – o olho, no caso do exemplo em questão. O resultado é aqui o contrário de um controle: o órgão cai sob o controle da pulsão sexual e o Eu deve suportar as consequências deste controle. "A perda do domínio consciente sobre o órgão é o substituto prejudicial para o recalque [*Verdrängung*] que malogrou e que só se tornou possível a este preço"[33]. Ele coloca em evidência o conflito, pois são os mesmos órgãos que são investidos pelas pulsões sexuais e pelas pulsões do Eu. No caso da cegueira, o olho é a cena sobre a qual se desenrola o conflito pulsional, sendo o resultado a inibição do ato de ver: o Eu perde a batalha e as pulsões sexuais tomam controle sobre o órgão. É desta maneira que Freud fornece uma explicação psicanalítica da cegueira histérica.

Essa primeira reformulação do modelo do conflito psíquico se faz ainda no quadro da dualidade pulsional, no qual o controle se mostra muito forte – com as pulsões sexuais, de um lado, e as pulsões do Eu e de autoconservação, do outro –, e aparece quando Freud tenta articular suas hipóteses teóricas, pois para fundar a diferença essencial da sexualidade humana temos que opô-la a alguma coisa que ela não é. O fato clínico da cegueira histérica fornece a Freud um ponto privilegiado para observar esta articulação, que o conduz a introduzir a noção de pulsão do Eu tal como ela foi apresentada acima.

32. S. Freud, "A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão", *op. cit.*, p. 225 (tradução alterada por mim).

33. *Idem*, *ibidem*, p. 226.

© Editora Unifesp 2022

A teoria crítica tem dois princípios fundamentais: a orientação para a emancipação e a crítica da "teoria tradicional". Esses princípios operam como ferramentas de um diagnóstico de tempo presente (*Zeitdiagnose*) que, por sua vez, permite distinguir entre os potenciais e os obstáculos à emancipação, identificáveis nas sociedades capitalistas modernas. Na história da teoria crítica, esse diagnóstico é reformulado a cada vez com o correr das situações históricas, desde seu primeiro modelo materialista interdisciplinar até trabalhos mais recentes, numa constelação que mobiliza diferentes disciplinas das ciências humanas e, sobretudo – a que nos interessa aqui –, a psicanálise.

ISBN 978-65-5632-125-7